

APRESENTAÇÃO

Este número é dedicado a Aryon Dall’Igna Rodrigues, doravante Prof. Aryon – como era chamado pela maior parte de seus colegas e alunos brasileiros. Esta homenagem especial foi idealizada e concretizada graças às professoras Verli Petri e Amanda Scherer (UFSM), com as quais o Prof. Aryon já colaborara em outras ocasiões, com especial destaque ao ano de 2007, quando proferiu conferência na Universidade Federal de Santa Maria e concedeu uma entrevista aos integrantes do Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. A professora Verli foi também a última colega do linguista a fazer-lhe convite para conferenciar em um evento científico: ela deslocou-se até o Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para fazer o convite pessoalmente, o que deixou o Prof. Aryon se sentindo muito estimado e prestigiado. O evento, ocorrido em novembro de 2014, do qual ele deveria participar, era em homenagem à sua colega, a Prof^a. Neusa Carson, importante colaboradora de Rodrigues, na década de 1980, tanto no âmbito dos estudos linguísticos, quanto no âmbito de políticas linguísticas e educacionais voltadas para os indígenas do Brasil.

No que concerne ao número 46 da Coleção *Fragmentum*, que ora vem a público, podemos dizer que, certamente, o Prof. Aryon teria ficado muito feliz com a presente homenagem, principalmente pelo histórico de atenção e respeito que lhe fora conferido pelos linguistas da UFSM, ao longo de décadas. Trata-se de uma homenagem que tenta fazer jus à dedicação de tão prestigiado pesquisador que sempre insistia em ser, acima de tudo, um estudioso das línguas e professor. Em nossa compreensão, muito lhe alegraria ver o resultado deste número pela participação de seu colega muito querido, o Prof. Brian Head, assim como pela participação da Prof^a. Dulce do Carmo Franceschini, colaboradora do LALLI (Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, UnB), a quem o Professor se referia como “a doce Dulce”. Completaria a sua alegria a publicação de artigo de linguistas da UFSM, o primeiro trabalho a investigar – na perspectiva dos discursos sobre ele – o seu papel de cientista. Finalmente, teria ficado muito feliz em ver a participação voluntariada dos pesquisadores do LALLI que ele ajudou a formar e que seguem sua escola – hoje, a maioria deles é professor de universidade e todos são dedicados ao estudo científico das línguas indígenas do Brasil e à formação de professores indígenas.

A especialidade da homenagem se enaltece também por dar voz ao Prof. Aryon para falar sobre si mesmo, situando-se, à sua maneira, na história da Linguística do Brasil, com seu estilo inconfundivelmente sofisticado, sagaz e agradável, respondendo às perguntas das entrevistadoras, demonstrando a satisfação em contar, ele mesmo, sua história, entremeando-a com a expressão de suas opiniões sobre questões políticas e sobre pessoas, tanto as que contribuíram para a sua formação, como aquelas que, de alguma forma, lhe desagradaram. Sua fala é uma sequência de lições de história da Linguística, sempre atuais e necessárias.

A *Fragmentum* 46 traz algumas especificidades, seja na questão formal, porque a partir deste número há algumas reconfigurações; seja na organização temática, porque ela reúne diferentes materialidades simbólicas. No tocante à questão formal, é importante ressaltar que, a partir deste número, a Coleção *Fragmentum* passa a ser semestral, bem como que cada número contará com um conjunto de artigos resultantes de pesquisas consolidadas, uma resenha e um espaço diferenciado para a divulgação de teses de doutorado defendidas recentemente na área temática à qual se dedica cada número da Coleção; além disso, poderá apresentar entrevistas e galeria de fotos. No tocante à configuração temática deste número, destacamos a galeria de fotos que revela um pouco da trajetória do Prof. Aryon; a entrevista que ele concedeu ao grupo de pesquisadores do Corpus, na UFSM; e, especialmente, um texto inédito do Prof. Aryon, datilografado por ele mesmo e mantido assim, por nós, para manter a forma como foi concebido na simbologia própria da máquina de escrever. Ainda nessa configuração temática especial, convidamos o Prof. Brian Head, colega do Prof. Aryon, que manteve contato com ele até quando lhe foi possível ler seus e-mails, pelos seus próprios olhos ou pelos olhos dos que o cercavam cotidianamente no seu LALLI. Os demais participantes deste volume voluntariaram-se e fazem também suas homenagens, dando a devida relevância ao trabalho do Prof. Aryon.

Brian Head, em seu artigo *Mattoso Câmara e Aryon Dall'Igna Rodrigues: pioneiros da linguística no Brasil*, destaca de sua homenagem ao seu colega Aryon D. Rodrigues momentos do convívio acadêmico compartilhado e, considera-o, ao lado de Mattoso Câmara Jr., protagonista fundamental na implantação e promoção dos domínios da Linguística Geral e da Linguística das línguas indígenas no Brasil. Head trata sobre a pesquisa, o ensino, a organização profissional e as influências exercidas por Rodrigues, destacando não só a sua formação em línguas clássicas (latim e grego), em Curitiba, mas também a influência que recebeu do linguista Rosário Farani Mansur Guérios e o fato de ter sido o primeiro brasileiro a obter o título de Doutor

em Linguística pela Universidade de Hamburgo (Alemanha), em 1959, com sua tese *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. O autor destaca também papel de Rodrigues na criação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), junto com Joaquim Mattoso Câmara Jr., tendo sido eleito o seu primeiro presidente, assim como o seu papel de criador do GT de Línguas Indígenas da ANPOLL. Head observa, ainda, que o título do clássico livro publicado por Rodrigues, **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**, “causou estranheza por parte de alguns gramáticos e filólogos mais conservadores, pelo fato de não incluir a língua nacional do Brasil, o Português”. Sobre a influência que Rodrigues exerceu sobre seus colegas, no período em que com ele conviveu, Head menciona sua colaboração com Lucy Seki, professora de Linguística Indígena na UNICAMP. Conclui sua homenagem ao grande mestre falando de sua generosidade e de sua dedicação extraordinária aos seus alunos, comenta ele: “Tenho viva memória do Dr. Aryon como professor muito persistente na ajuda aos alunos”.

Dulce do Carmo Franceschini e Denise de Sousa Carneiro contribuem com o artigo *Negação e Focalização em Sateré-Mawé*, que trata do funcionamento da negação nessa língua Tupí, bem como da sua relação com processos enunciativos que têm por objetivo focalizar diferentes termos do enunciado. O *corpus* que serviu de base para o estudo é constituído de enunciados retirados de *textos escritos* por professores indígenas, contextualizados, portanto; o que confere à análise mérito apreciável; como de textos orais, coletados em situações reais de comunicação. O artigo, além de apresentar dados novos, amplia o conhecimento linguístico da língua Sateré.

Taís da Silva Martins e Liana Cristina Giachini apresentam uma contribuição significativa com *Os nomes e as línguas de Aryon*, na qual investigam a importância atribuída aos estudos de Aryon Rodrigues no cenário da Linguística, estabelecendo uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso, a fim de compreender o lugar ocupado por esse pesquisador, representado metaforicamente em textos veiculados na mídia eletrônica em razão de seu falecimento. As autoras organizam um banco de dados de textos veiculados na mídia eletrônica, a partir dos quais recortam materialidades discursivas nas quais identificam regularidades e discontinuidades em relação ao processo de designação. Analisam, também, as condições de produção sócio-históricas que são constitutivas do *discurso sobre* o Prof. Aryon, entendendo-as como determinantes do dizer. Concluem o artigo observando que Aryon D. Rodrigues se constitui como um ícone da produção acadêmica, a quem tanto a Antropologia quanto a Linguística devem muito. Afirmam terem

podido compreender, por meio do estudo realizado, não só a importância atribuída ao pesquisador, mas também as relações de sentido estabelecidas no ato de designá-lo, em razão de sua morte. Uma designação que se instaura por meio do efeito metafórico que possibilita o deslizamento de sentidos em torno da imagem do linguista. O estudo conclui brilhantemente que a nota de falecimento divulgada pela Associação Brasileira de Antropologia não traz menção ao trabalho do autor como indigenista. Segundo as autoras, no discurso do espaço em que Aryon mais atuou – na pesquisa das línguas indígenas – “ocorre um efeito de generalização” que, na visão das autoras, “não remete ao apagamento do linguista como pesquisador da antropologia, mas como uma demarcação de um espaço mesmo/outro de significação em que o Aryon Rodrigues da Antropologia é representado também na Ciência Linguística”.

Sanderson Soares de Oliveira dedica o artigo *Consoantes em final de palavra em Proto-Páno* ao seu estimado Prof. Aryon, com quem conviveu desde o seu primeiro ano de graduação, em 2002. Por uma década esteve cotidianamente com a equipe do Prof. Aryon, contribuindo com as ações do LALLI, a menina dos olhos de Rodrigues, o que continua fazendo até hoje, como seu discípulo, mesmo vivendo no estado do Amazonas. O menino Sanderson, forma carinhosa como Rodrigues costumava referir-se a ele, teve experiência de campo com várias línguas, dentre elas, o Rikbáktsa, o Paiter, o Asuriní do Tocantins, o Matis, o Marúbo, o Kaxinawá, o Kaxarará, mas se dedica, atualmente, mais intensamente, à língua dos indígenas recém contactados, os Korúbu, assim como a estudos histórico-comparativos da família Páno, tema do artigo que dedica ao seu mestre, neste número. O artigo consiste em uma revisão da reconstrução do Proto-Páno, de autoria de Olive Shell (1975 [1965]), fundamentada com dados de várias línguas, em que põe em relevo: a) a existência de consoantes oclusivas (incluindo *n*, [LOOS, 1978]) em línguas do subgrupo mayorúna; b) a existência de uma alternância entre formas longas e formas curtas, relacionadas respectivamente aos casos ergativo e absoluto; e c) a existência de consoantes oclusivas em margem direita de sílaba em Proto-Páno.

Andérbio Márcio Silva Martins, associado à Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Maxwell Gomes Miranda, Lucivaldo Silva da Costa e Lidiane Szerwinsk Camargos, dedica ao Prof. Aryon o artigo *O tronco Macro-Jê. Hipóteses e contribuições de Aryon Dall’Igna Rodrigues*. Juntos, os autores representam os alunos de Rodrigues que mais contribuíram com estudos descritivos e histórico-comparativos de línguas agrupadas por ele, no tronco Macro-Jê, constituído de 12 famílias linguísticas - Jê, Kamaká, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e

Rikbáktsa. Os autores argumentam que a hipótese de Rodrigues era, para ele próprio, uma hipótese em andamento, ainda não consolidada; recontam a história de classificação, inclusão e exclusão de línguas nesse tronco, pondo em relevo a metodologia diferencial usada por Rodrigues, considerando a opinião desse estudioso, para quem os esforços empreendidos, até então, não teriam sido suficientes para o estabelecimento de uma hipótese única sobre a constituição do tronco Macro-Jê, uma vez que há informações que convergem e outras que divergem a respeito desse agrupamento genético. Os autores salientam, finalmente, que é a hipótese de Rodrigues a que possui maior consistência e confiabilidade, o que a torna aceitável pela maioria dos estudiosos da área.

Para além dos resultados apresentados neste artigo, é preciso percorrer a história dos estudos histórico-comparativos do tronco Macro-Jê, demonstrando o quanto se avançou na sistematização de dados linguísticos e na proposta de organização do tronco Macro-Jê a partir da intervenção direta e indireta de Rodrigues nos estudos realizados sobre esse agrupamento nas últimas décadas. Cada um dos autores desse texto tem uma relação muito especial com o Prof. Aryon e com o trabalho desenvolvido por ele: Andrébio Martins escreveu sua tese de doutorado sob a orientação de Rodrigues e co-orientação de Cabral, tendo sido o último doutorando a receber orientação do seu orientador durante todo o ciclo desse grau de estudos; Lucivaldo Costa iniciou seus estudos no âmbito da Linguística Histórica ainda em Belém, quando Rodrigues, a convite de Cabral, Risoleta Julião e Socorro Simões, lecionou a disciplina Linguística-Histórica na Universidade Federal do Pará. Lucivaldo, durante seu mestrado, chegou a ser hóspede de Rodrigues entre os anos 2003 e 2004 e dele recebeu muitos ensinamentos, publicando um artigo em co-autoria com ele e com Cabral sobre alinhamento em Xikrín, publicado na LIAMES (2004). Lidiane Szerwinsk Camargos foi encaminhada aos estudos do Boróro por Rodrigues, seu principal orientador. Rodrigues tinha interesse especial por essa língua e, triste com o falecimento inesperado de sua querida aluna Adriana Viana, que se mostrava promissora nos estudos descritivos do Boróro, alegrou-se quando Lidiane deu segmento a esses estudos. Maxwell Miranda chegou do Tocantins ampliando os estudos descritivos de línguas Macro-Jê, dedicando-se à gramática Krahô. Era o que mais queria Rodrigues, a participação ativa de jovens pesquisadores adentrando os estudos linguísticos de línguas desse tronco. O primeiro mestrado em Linguística sobre uma língua indígena que orientou foi sobre o dialeto Kipeá da língua Kirirí, de autoria de Gilda Maria Correa de Azevedo, quando estava na UnB, no início da década de 1960. Em realidade, os autores desse estudo foram os principais alunos e

colaboradores de Rodrigues que abriram espaço no LALLI para os estudos Macro-Jê.

Jorge Domingues Lopes apresenta *Um esboço da morfologia da língua Suruí-Aikewára*, com base no clássico trabalho de Rodrigues *A estrutura do Tupinambá*, trabalho que permaneceu inédito até 2012, quando foi publicado no livro *Línguas e Culturas Tupí III* pela editora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, IL/UnB. Jorge D. Lopes colaborou com Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. Cabral desde o Pará, quando era responsável pelas publicações conjuntas de Rodrigues e Cabral, dentre as quais, *Estudos sobre Línguas Indígenas* (EDUFPA, 2001), *Atas do I Encontro Internacional – Línguas Indígenas Brasileiras, Fonologia Gramática e História* (EDUFPA, 2002), livros de referência no âmbito dos estudos linguísticos sobre as Línguas Indígenas Brasileiras. Desde então, passou a ser um dos principais colaboradores das publicações do LALLI e, atualmente, é um dos diretores da *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, criada em 2009 por Rodrigues e Cabral, da qual é também responsável pela edição gráfica. Em seu artigo dedicado ao Prof. Aryon, reaviva a importância do roteiro para uma síntese morfológica de uma língua Tupí-Guaraní, o qual também tem sido de fundamental serventia para os estudos histórico-comparativos das línguas dessa família linguística.

Tabita Fernandes da Silva e Cristina Caldas retomam, no artigo que oferecem ao Prof. Aryon, *O tema “afetado” em ka’apór*. Revisitam, assim, a análise da partícula *ke* do Ka’apór, que chamaram de expressão de afetado, já em 2004, argumentando a favor da função pragmática dessa marca, que expressa o ponto de vista do falante frente ao seu dito, com um valor modal de modalidade empática. Rodrigues participou das longas discussões sobre os estudos descritivos desenvolvidos por Tabita F. Silva e Cristina Caldas, desde quando cursaram o mestrado no Pará, época em que já integravam o grupo do LALLI, juntamente com Cabral, mesmo radicadas em Belém. Rodrigues viajou a essa capital para assistir as defesas de mestrado de suas duas alunas e, embora não lhe tenha sido permitido que fizesse parte das bancas que avaliaram as duas dissertações, fez questão de prestigiar o trabalho das linguistas, por quem desenvolveu carinho especial. Tabita F. da Silva e Cristina Caldas fizeram o doutorado na UnB, e no LALLI conviveram diariamente, por quatro anos, com o Prof. Rodrigues e continuam representando a escola do grande mestre.

Fábio Pereira Couto dedica o artigo *Análise e descrição da fonologia segmental do Manxineru* ao Prof. Rodrigues, com quem conviveu nos penúltimos quatro anos. Os estudos desenvolvidos por Fábio Couto sobre

o Manxineru têm contribuído significativamente para um outro olhar sobre essa língua, sobretudo, no que diz respeito aos aspectos acústicos na realização fonética dos enunciados da língua. O artigo reúne dados que muito agradaram Rodrigues para que se ampliasse o seu conhecimento sobre essa língua Aruák.

Lucivaldo Silva da Costa, em seu artigo *Tipos de nomes na língua Xikrín do Cateté*, toma como critério principal o da dependência, que tanto defendeu Rodrigues como substancial nos estudos Tupí-Guaraní e Jê. À luz desse critério, Lucivaldo Costa distingue três tipos de nomes em Xikrín, os nomes relativos, os nomes descritivos e os nomes absolutos. Certamente, o trabalho muito alegraria Rodrigues, pois traz mais reforço para a sua teoria sobre os prefixos relacionais em Línguas Tupí e Macro-Jê.

Gabriel Barros Viana de Oliveira, em colaboração com Ana Suelly A. C. Cabral, dedica-se ao estudo *Mais evidências para a hipótese de Loukotka* (1963; 1968), que reúne evidências adicionais para a hipótese de Loukotka (1963; 1968) acerca do relacionamento genético entre as línguas Djeoromitxí, Arikapú e Maxubí. Os autores apresentam uma comparação entre o Maxubí (RIVET, 1953), o Djeoromitxí (M. RIBEIRO, 2008; CABRAL; OLIVEIRA, dados de campo) e o Arikapú (R. RIBEIRO, 2008; VAN DER VOORT, 2010) à luz do Método Histórico-Comparativo (ANTTILA, 1972; CAMPBELL, 2013; KAUFMAN, 1990). Os referidos pesquisadores mostram que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí, não sendo, pois, Arikapú, como proposto por Caspar (1955) e Van der Voort (2012). Por fim, esboçam uma representação arbórea da família Jabutí. Gabriel Barros Viana de Oliveira foi o último aluno de Iniciação Científica do Prof. Aryon que ainda usufruiu da enriquecedora convivência com Rodrigues no LALLI.

Ariel Pheula do Couto e Silva e Ana Suelly A. C. Cabral contribuem nesta homenagem com o artigo *Expressão de caso argumentativo no Avá-Canoeiro do Tocantins*. O caso argumentativo foi descrito por Rodrigues para o Tupinambá e outras línguas Tupí-Guaraní conservadoras como o único caso não locativo dessas línguas, o qual se combina com temas nominais quando estes exercem a função de argumento de um verbo transitivo, como determinante de outro nome (seu possuidor) e como argumento de posições. Os autores partem das análises fundamentais de Rodrigues (1981; 1996; 2001) sobre os prefixos casuais da língua Tupinambá, com ênfase na distribuição e funções do prefixo de caso argumentativo. Dá-se sequência à análise de Borges (2006) sobre a expressão do caso argumentativo em Avá-Canoeiro, à luz de dados recentes da variedade diatópica do Avá-

Canoeiro do Tocantins. Argumenta-se em favor da produtividade da flexão de caso nessa língua, com ênfase no caso argumentativo, embora seja mostrado que houve diminuição dos contextos fonológicos de ocorrência do alomorfe *-a*. Ariel Pheula do Couto e Silva atua no LALLI há mais de 8 anos e era tido por Rodrigues como um jovem pesquisador muito promissor. Ariel P. do Couto e Silva é uma dos mais ativos pesquisadores do LALLI, seguidor das ideias de Rodrigues.

Eliete de Jesus Bararuá Solano dedica o artigo *Tipos de perguntas em Araweté* ao seu Prof. Aryon. Ela também foi sua aluna, desde Belém, e também se beneficiou de sua generosidade quando este a acolheu em sua casa por mais de um ano – entre 2003 e 2004. Eliete realizou trabalho de campo em companhia de Rodrigues e Cabral junto aos Araweté, Asuriní do Xingu e Parakanã. Continua pesquisadora associada do LALLI com o mesmo empenho de mais de uma década atrás. Era Eliete quem restaurava as obras raras de Rodrigues, com o esmero tão apreciado pelo seu Professor.

Este volume da *Fragmentum* apresenta uma resenha do clássico livro de Rodrigues (1986) **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**, escrita por duas jovens pesquisadoras do LALLI, Suseile Andrade de Sousa e Gabriela Linhares. Suseile já atua no LALLI há 10 anos e muito ajudou Rodrigues quando ele, já com saúde debilitada, precisava de atenção especial. E inclui, ainda, dois resumos de teses defendidas recentemente na área de Línguas e Linguística Indígena: *Para uma gramática da língua Hãtxa Kuĩ* por Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá (2014); e *O Kwaryp de Kanutari: uma abordagem Linguística e Etnográfica*, por Aisanain Paltú Kamaíurá (2015), ambas sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

Finalmente, este volume se completa com o artigo inédito de Rodrigues, *Linguística. As línguas indígenas do Brasil*, mimeografado, escrito em 1972, para seu curso de Linguística na UNICAMP. O artigo precursor da série de artigos que Rodrigues escolheu para serem publicados na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, mas que foi cedido à Coleção *Fragmentum* pela editora RBLA, considerando não só o carinho especial que o Prof. Rodrigues tinha pelos colegas linguistas da Universidade Federal de Santa Maria – desde a época da Prof^a. Neusa Carson, uma das suas mais brilhantes colegas linguistas, como ele bem frisava –, mas também que a homenagem que este volume dedica ao grande mestre muito lhe deixaria satisfeito. O Artigo de Rodrigues é uma aula de Linguística de línguas indígenas e mostra o desenvolvimento de seus estudos e ideias que culminaram no livro **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Nele, o tronco

Tupí ainda era visto como constituído de 7 famílias e não 10, como ficou consolidado desde seu artigo *A classificação interna da família Tupí-Guaraní* (1984-1985), e a família Tupí-Guaraní era considerada como constituída de 15 línguas ou grupos dialetais. A hipótese de parentesco genético entre Tupí e Karíb ainda não havia sido demonstrada por ele, que já trabalhava nessa hipótese, vindo a publicar o seu minucioso estudo *Tupí-Karib Relationship*, em 1985. O artigo é uma aula de quem mais sabia falar de tantos aspectos importantes do conhecimento científico das línguas indígenas, de modo elegantemente e acessível a todos que lessem ou que vierem a ler sua obra.

Enfim, a *Fragmentum* 46 presta uma homenagem ao linguista que dedicou mais de 60 anos de sua vida ao estudo das línguas, ao professor que nunca se cansou de ensinar e de ouvir atentamente a todos que o procuravam. Os que tiveram o privilégio de conhecê-lo reconhecem aqui um pouco do homem, do professor e do cientista que foi Aryon Rodrigues; aos que não o conheceram pessoalmente, sugerimos a leitura deste número para que descubram um pouco dos resultados do trabalho dele e daqueles que com ele conviveram na vida acadêmica. Boa leitura!

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) e Verli Petri (UFSM)